
A PARTILHA DA LUZ: OS LUGARES ENUNCIADOS DA NOVA POESIA MOÇAMBICANA

AMOSSE MUCAVELE*

*(...) Mar azul
branco é o papel
sem a margem
do teu busto*

*Lanço as redes, que são as letras
no arremesso
do papel a cabeceira
começo.*

*Transporto outro poema
para o oriente do corpo.*

SANGARE OKAPI

Quando o assunto em pauta envolve a literatura moçambicana, podem considerar-se de antemão questões históricas e “questões estéticas (a da «poesia de afectos» e a da «poesia paródica») que atravessam, em alternância, praticamente todo o sistema literário moçambicano, estando presentes nas produções mais recentes” (Secco s.d.).

Ao mesmo tempo, esta literatura afirma a sua própria identidade por via de transfigurações numa linguagem imagética e vibrante, configurando a poesia como tempo e pensamento. Ademais, estas questões evoluem cronologicamente e por via de uma heterogeneidade cultural que é espaço de confrontos, “um lugar onde” a linguagem poética se fala e se escreve, para citarmos Maurice Blanchot (2000), “um lugar onde” a imaginação

* Escritor e Jornalista, Moçambique. E-mail: arqueologiadapalavra@gmail.com.



resplandece e se espalha a partir de e pelo reino da realidade. Estas hipóteses determinam a exploração de todas as potencialidades vocabulares e rítmicas dos lugares enunciados na nova poesia moçambicana (a memória, os sonhos, a paisagem, a guerra, o amor).

Para Francisco Noa (1999), a literatura moçambicana faz-se pela tradução das intervenções em contextos diferenciados, no tempo e no espaço, mantendo um fio condutor, que se traduz no olhar inconformado e interpelativo com que os escritores e poetas buscam sentidos em relação ao mundo que os rodeia. Este fio condutor apresenta dois campos de produção sígnica distintos (o campo sincrónico e o diacrónico); complexo, caracteriza-se tanto pela intertextualidade como pela intratextualidade.

Diante disso, o crítico moçambicano afirma, em entrevista, que o que mais lhe chama a atenção na literatura moçambicana

é certa avidez em registar, crítica e criativamente, as atribulações do nosso quotidiano que, como sabemos, tem uma dimensão quase épica, naquilo que contém de imprevisível e desconcertante. Mas também de muito humano ou, se quisermos, de desumano. Se isto é mais notório na ficção, a nível da poesia é-o claramente. As incertezas em relação ao tempo que vivemos estão lá muito presentes. (in Mucavele 2016)

Sendo assim, a fundamentação de Noa redimensiona, para o caso moçambicano, o posicionamento do crítico brasileiro, António Cândido (1981, 23), que define a literatura como:

Um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de

produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor que liga uns a outros.

A existência de uma literatura moçambicana pressupõe um conjunto de particularidades que suplantam os dados internos da obra (língua, imagens, tema). É necessário e urgente que se discuta e identifique um cânone de autores conscientes do seu papel, um conjunto de receptores (público) e um mecanismo transmissor (uma linguagem comum) que aceite a pluri-dimensionalidade e a pluralização de estéticas possíveis.

Nova Poesia Moçambicana: entre cartografia da memória e a reconstrução da utopia

*Fujamos destas linhas,
avancemos para uma terra mais sóbria e luminosa
onde o céu seja prenhe de vagalumes.*

ANDES CHIVANGUE

Saliente-se que a trajectória vigorosa e “o signo da qualidade”, do qual a poesia moçambicana nasceu, ocorrem de forma paralela, dialogante, e em permanente transposição de poéticas fundacionais em relação às poéticas intermediárias e às novas poéticas. A busca de identidade, a *afirmação da liberdade subjectiva* (tal como Noa sugere) e a construção da futura nação moçambicana, remetem para um esforço de compreensão na reconstrução da utopia colectiva. Assumem os novos autores nomeadamente uma postura de registo, diga-se de memórias, amparada em nomes que se consagraram antes da Primeira República, tais como Rui Knopfli e José Craveirinha, pedras angulares do universo poético moçambicano.

Reflectir poeticamente sobre o país é recorrente na poesia moçambicana. Trata-se enfim de um lirismo emancipado e particularmente enriquecedor por não traduzir o fechamento do sujeito sobre si próprio, daí que se registe uma construção híbrida que tem alicerces em Rui Knopfli

(onde, nas palavras de Fátima Mendonça, a poesia se revela atemporal, nomeando objectos que, ao longo do tempo e em diversas culturas, se figuraram em invariantes poéticas, como mar, lua, sol, estrelas, céu, etc) e há uma lírica contundente e crítica do triste passado colonial em José Craveirinha.

O que os estudiosos sugerem é a possibilidade da abertura (já existente) de ângulos diferentes, isto é, leituras diversas, para olhar e visitar a noção de pertença à terra, seja de forma amorosa ou melancólica. Nesta visão vale lembrar o “Poema do futuro cidadão”, de José Craveirinha, e seus versos, “Homem qualquer / cidadão de uma Nação que ainda não existe”; lemos em Celso Manguana o desencanto da contemporaneidade: “Pátria / Quero só uma / O lugar de Morte”; em Manecas Cândido, no seu primeiro livro, *O sentido das metáforas* (2007) “Logo que nasci / deram-me presentes / de pobreza e um país / de angústias”. Deve destacar-se também *Minarete de Medos e Outros Poemas* de Mbate Pedro (2009): “no meu país / vestem-se elas agora / de farrapos de penúria”; a referência ao Velho Cravo se apresenta em Ruy Ligeiro: “volto a um país que não existe / senão quando o habito / entre abutres de sonhos / que vêm enovelados / em galerias de medo”, e diz Sangare Okapi: “há um pequeno país / no meu país: / chama-se angústia”.

Para complementar estas referências, vale observar que José Craveirinha, a par de Rui Knopfli, acima mencionados, são referências fundamentais para a nova poesia moçambicana, enunciam a denúncia, evoluíram em múltiplas direcções, “descerram a polivalência de um outro instante no tempo, potente para fazer emergir as motivações primeiras da individualidade e a monção da vida em comunidade compreendida como metamorfose (Maurício Salles Vasconcelos) e no entanto permanece incondicional o amor à pátria, a que Pires Laranjeira chamou de “estética do orgulho pátrio” (Laranjeira 2001, 192).

Outro aspecto importante que vale referenciar é que esta nova geração, nascida no decorrer da década de 1970 e 1980, começa a publicar em suportes como revistas (*Oásis*, *Xitende* e *Literatas*) e jornais de Moçambique nos anos 1990-2000, somente oferecendo à estampa em formato de livro os seus textos já nos anos 2000. Entre as mais destacadas vozes estão Andes

Chivangue, poeta membro fundador do Movimento Literário Xitende, tendo sido editor da revista com o mesmo nome. Tem três livros publicados, nomeadamente: *A Febre dos Deuses* (2005, prosa) *Alma Trancada nos Dentes* (2007) e *Fogo Preso* (2017).

O livro “Alma Trancada nos Dentes”, lançado em 2007, foi considerado pela crítica como sendo uma das melhores obras de estreia, no género poético, publicado em Moçambique no período pós-independência. O mesmo livro valeu ao autor uma menção honrosa do Prémio José Craveirinha, maior galardão da literatura moçambicana.

Andes Chivangue, cultor do improvável, do inesperado, do incrível, dos espaços férteis onde o maravilhoso pode acontecer, nos exhibe possibilidades do discurso através de referentes impossíveis. Mostra que em poesia a resistência é imprescindível e ao mesmo tempo tudo é consentido. Celebra a autonomia do poema; sua ausência de compromisso com qualquer outra coisa que não seja o valor poético, o acaso objectivo dos mapas intertextuais – signos da transgressão e o infinito alcance da imaginação.

Mas tu não compreendes isto de atear fogo à memória,
que se reate a avidez das mãos na prenhe argila do poema.
Entretanto, se deixares um canteiro de lírios
crescer nas encostas do teu coração
e os embaciarem-se na seiva nocturna
poderás, enfim, enxergar a fotografia,
a criança raquítica que te abandonou no desespero.

Sangare Okapi escreveu *Inventário de angústias ou apoteose do nada* (2005) e *Mesmos barcos ou poemas de revisitação do corpo* (2007) [Cfr ZUNÁI – *Revista de poesia & debates*. (<http://www.revistazunai.com/>)]

Barcarola

O teu corpo é mar,
Se amar
para mim é errar
a vida toda procurar
alguém
que procura também
outro alguém.
(...)

Oh, índicas águias,
que vão e vem.
vem e vão
os dias todos,
(sem nada me revelar).

Oh, índicas águias,
que vão e vem;
vem e vão
os dias todos,
(sem nada me revelar)

— minha amada não viram?

Leia-se também Mbate Pedro autor de *O Mel Amargo* (2006), *Minarete de Medos e Outros Poemas* (2009), *Debaixo do Silêncio que Arde* (2015). *Vácuos* (2017), *Léo Cote com Carto Poemas de Sol e Sal* (2012) e *Poesia Total* (2013)¹.

Querem-me à guerra

queria ficar a nomear os rios
nas veredas do seu corpo
e a recontar as pétalas
no miosótis da tua boca

queria ficar a perscrutar
a explosão vagarosa dos teus seios
no despertar libidinoso

¹ Cfr. ZUNÁI — *Revista de poesia & debates*. (<http://www.revistazunai.com/>)

as minhas manzorras
e a fotografar a chegada apoteótica
do nhambaro nas tuas ancas

eu queria ficar
meu amor
mas querem-me a guerra
para que docemente desperte
as munições adormecidas
nas Kalash dos meus assassinos

Helder Faife é autor de *Contos de fuga* (Prémio Literário TDM 2010 – categoria: conto), *Poemas em sacos vazios que ficam de pé* (Prémio Literário TDM 2010 – categoria: poesia), *Pandza, Crónicas* (Alcance Editores, 2011)².

O fruto da acácia

Ainda que floresça
a acácia não dá frutos comestíveis
mas á sua sombra
a senhora vende amontoada de fruta na capulana
estendida
e faz as contas.

....
a senhora amontoada vende frutas estendida na
capulana
e faz as contas.

....
estendida na capulana a senhora se vende amontoada de frutas
e faz as contas.

....
e compra-se o fruto com o mesmo leite que se
lhe colhe de éden
e faz-se de contas.

² Cfr. ZUNÁI – *Revista de poesia & debates*. (<http://www.revistazunai.com/>)

Além destes poetas, são também representativos desta nova geração nomes como Álvaro Fausto Taruma, Jaime Munguambe, Nelson Lineu, Léo Cote, Hirondina Joshua, Japone Arijuanne, Macvildo Bonde, entre outros.

BIBLIOGRAFIA

- Blanchot, Maurice. 2000. *L'attente, l'oubli*. Paris: Gallimard, L'imaginaire.
- Cândido, Antônio. 1981. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- Cândido, Manecas. 2007. *O sentido das metáforas*. Maputo: FUNDAC.
- Chivangue, Andes. 2005. *A Febre dos Deuses*. Maputo: FUNDAC.
- Chivangue, Andes. 2007. *Alma Trancada nos Dentes*. Maputo: Índico.
- Chivangue, Andes. 2017. *Fogo Preso*. Cavalo do Mar.
- Cote, Léo. 2012. *Carto Poemas de Sol e Sal*. Maputo: AEMO.
- Cote, Léo. 2013. *Poesia Total*. Maputo: AEMO.
- Faife, Helder. 2010. *Contos de fuga*.
- Faife, Helder. 2010. *Poemas em sacos vazios que ficam de pé*. (Prémio Literário TDM 2010 — categoria: poesia),
- Faife, Helder. 2011. *Pandza, Crónicas*. Alcance Editores.
- Laranjeira, Pires. 2001. *Ensaaios Afro-Literários*. Lisboa: Novo Imbondeiro.
- Mucavele, Amosse. 2016. "Entrevista ao ensaísta moçambicano Francisco Noa". *Palavra Comum*, 16 de Maio. Disponível em: <http://palavracomum.com/entrevista-de-amosse-mucavele-ao-ensaista-mocambicano-francisco-noa/>
- Noa, Francisco. 1999. "Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso". *Via Atlântica* 3: 59-68.
- Okapi, Sangare. 2005. *Inventário de angústias ou apoteose do nada*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos.
- Okapi, Sangare. 2007. *Mesmos barcos ou poemas de revisitação do corpo*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos.
- Pedro, Mbate. 2006. *O Mel Amargo*. Maputo: AEMO.
- Pedro, Mbate. 2009. *Minarete de Medos e Outros Poemas*. Maputo: Índico.
- Pedro, Mbate. 2015. *Debaixo do Silêncio que Arde*. Maputo: Índico.
- Pedro, Mbate. 2017. *Vácuos*. Cavalo do Mar.
- Secco, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. S.d.. "Sonhos, Paisagens e Memórias na Poesia Moçambicana Contemporânea". *Críticas e Ensaaios*. Disponível em: <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaaios/item/241-sonhos-paisagens-e-memorias-na-poesia-mocambicana-contemporanea>
- ZUNÁI — *Revista de poesia & debates*. Disponível em: <http://www.revistazunai.com/>